

commodities

Etanol vindo do milho é viável no Brasil

Produção do combustível é eficaz em várias regiões, diz consultoria, especialmente em regiões do Centro-Oeste

Diferentemente da cana, que deve ser processada logo após colheita, milho pode ser industrializado durante o ano todo

MAURO ZAFALON
COLUNISTA DA FOLHA

No país da cana, é viável também a produção de álcool de milho, cuja produção é dominada pelos EUA.

Mas por que produzir etanol do milho se os avanços tecnológicos no campo e na industrialização da cana tornam o modelo brasileiro mais competitivo que os demais?

A Consultoria Céleres, de Uberlândia (MG), analisou o cenário e chegou à conclusão de que a produção de álcool de milho é eficaz em várias regiões, principalmente nas fronteiras agrícolas.

Os motivos são vários, segundo Ricardo Giannini, especialista em milho e com longa vivência nesse setor.

Embora não seja o local ideal para produzir esse tipo de etanol, a estrutura continental do Brasil permite que, em algumas regiões, o produto extraído do milho seja mais competitivo que o da cana.

Entre essas regiões, Giannini incluiu o Centro-Oeste —por uma questão de logística, o combustível a ser produzido deverá ser consumido localmente.

Do lado da produção, o diretor da Céleres diz que a oferta de milho cresce anualmente. A necessidade de rotação com a soja, principal cultura da região, e a busca de mais uma fonte de renda pelo produtor no período da safra têm permitido ao Centro-Oeste ser o segundo maior produtor de milho do país.

Além disso, o uso de novas tecnologias já coloca determinadas regiões com produtividade de 180 a 200 sacas por hectare, eficiência parecida à da Argentina e a caminho da dos Estados Unidos.

Do lado da logística, a construção de usinas de álcool nessas regiões é importante. Isso porque o excesso de milho nessas fronteiras tem de ser desviado para locais distantes, como o Nordeste.

TRANSPORTE

As usinas de produção de álcool proveniente do milho seriam uma solução para essas regiões. Além de gerar renda, evitariam o “passoio” de milhares de caminhões que saem do Sudeste e percorrem de 1.500 a 2.000 quilômetros para levar combustível a essas regiões.

Além disso, a industrialização do cereal nessas regiões reduzirá o transporte desse milho para portos que estão, também, a 2.000 quilômetros do local de produção. Com real valorizado, o cus-



Usina ‘flex’ que produz álcool tanto a partir da cana-de-açúcar como do milho, localizada no Estado de Mato Grosso

Glauber Silveira/Divulgação

ANÁLISE

Álcool favorece produtor, mas pode provocar falta do grão

DANIELE SIQUEIRA
ESPECIAL PARA A FOLHA

Os EUA já produziam etanol desde o final da década de 1970, mas a mistura a gasolina só se tornou obrigatória a partir de 2006, o que fez as usinas do país se multiplicarem rapidamente. Isso aumentou a disputa pelo milho entre os compradores e contribuiu para a alta dos preços recebidos pelos produtores.

No Brasil, a maior competição também favorecerá os agricultores, dando mais liquidez ao mercado. Mas poderia trazer problemas.

Por mais que algumas áreas brasileiras já produzam milho tão bem como as melhores regiões dos EUA, nossa produtividade média ainda representa menos da metade da produtividade média norte-americana.

Além disso, a produção do Brasil torna-se mais dependente da safra de verão a cada ano. Como a safra tem maior risco climático, por causa das geadas no Paraná e da estação seca no Centro-Oeste, o grau de incerteza sobre o tamanho da oferta de milho torna-se maior.

Também poderia haver dificuldades no lado da demanda. Mesmo firmando-se como grande exportador mundial nos últimos anos, o Brasil ainda exporta pouco milho —cerca de 15% da produção.

Isso significa que o Brasil tem um mercado doméstico forte para o cereal. Assim, em um cenário (pouco provável) de grande produção de etanol de milho, poderia haver escassez do grão, elevando os preços das carnes e a inflação de alimentos.

DANIELE SIQUEIRA é analista da AgRural.

to da produção do etanol de milho fica, aliás, menor que o da cana. O litro de álcool de milho em Iowa (EUA) custa de US\$ 0,42 a US\$ 0,56. Já o custo do de cana fica entre US\$ 0,58 e US\$ 0,66 no Brasil.

Giannini diz que o milho pode ser armazenado e industrializado durante todo o ano —a cana exige processamento logo após ser colhida.

Outra desvantagem da cana é que, se o mercado está mais favorável ao açúcar, a produção de álcool cai, como ocorreu nos últimos anos.

Mas Giannini diz que um dos grandes trunfos do milho está no custo e na disponibilidade —às vezes, até em excesso— do cereal em algumas regiões do Brasil.

“A produção cresce e há um claro boom de oferta.”

USINAS ‘FLEX’

Glauber Silveira diz que a própria Aprosoja já estudou a viabilidade da produção de etanol de milho em Mato Grosso. Os custos de implantação das usinas são elevados, mas a produção do combustível em usinas “flex” —que operam com cana e com milho— pode ser competitiva, segundo ele.

Os investimentos por litro de capacidade anual de produção de etanol é entre R\$ 0,98 e R\$ 1,23 para as usinas de milho e entre R\$ 1,58 e R\$ 2,11 para as de cana.

Alysson Paolinelli, presidente da Abramilho (associação dos produtores), diz que uma nova utilização para o milho nacional é importante.

“O país tem de levar a sério a produção do cereal e temos espaço para avançar.”

Defensor da produção de etanol de milho, Giannini diz que, “se alguém me falasse há poucos anos em produzir, comercialmente, etanol a partir de milho no Brasil, eu o consideraria um louco”.

ETANOL DE MILHO NO BRASIL

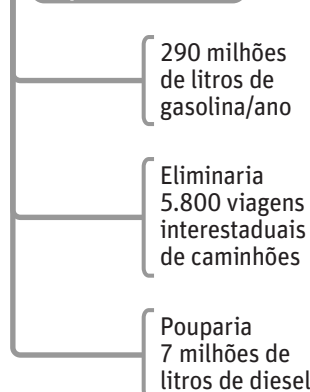
Como seria uma usina ideal em regiões específicas do país



Espiga de milho em lavoura de Mato Grosso do Sul

Fernando Berto - julho 2010/Pistat Imagens

O que substituiria



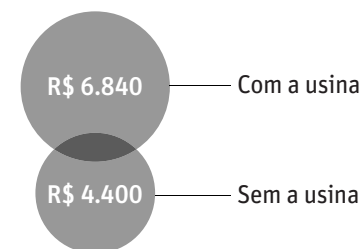
NÚMEROS

FATURAMENTO DA USINA
R\$ 700 mi

TRIBUTOS PAGOS
R\$ 180 mi

EMPREGOS
150 empregos diretos seriam gerados

VALOR AGREGADO À PRODUÇÃO EM REGIÕES ESPECÍFICAS, EM R\$ POR HECTARE**



* DDGS: farelo de milho para alimentação animal

** Considerando 60 sacas de soja e 130 de milho por hectare, em Sorriso MT

Fonte: Céleres

Primeira usina ‘flex’ já funciona em Mato Grosso

DO COLUNISTA DA FOLHA

O Brasil entrou definitivamente na produção comercial de etanol de milho. Há oito dias está funcionando em Campos de Júlio, em Mato Grosso, a primeira usina flex.

No período da safra de cana-de-açúcar a usina processa cana. Na entressafra, passa a utilizar grãos como matéria-prima. A primeira opção foi a utilização do milho, mas o processamento de sorgo de-

verá ser o próximo passo.

Sérgio Barbieri, diretor da Usimat Flex, diz que o resultado está sendo bom.

Com processamento diário de 300 toneladas de milho, a usina obtém 350 litros por tonelada, 220 quilos de resíduos que podem ser utilizados na composição de ração e 20 quilos de óleo.

Nas duas pontas da produção, Barbieri diz que o custo de produção do etanol de cana é de R\$ 1,10 por litro, en-

quanto o de milho é de R\$ 1,23. Nesse cálculo não está incluída a comercialização dos resíduos do milho.

Barbieri destaca a importância desse álcool, que será negociado na região.

“Mato Grosso tem tudo, mas não tem logística.” Ou seja, o produto substitui o combustível vindo de outras regiões e diminuiu o “passoio” do milho pelo país.

O Brasil dá um passo para a construção de uma tecno-

logia própria na produção de etanol de milho, afirma Vital Silva Nogueira, gerente industrial da Usimat Flex.

Nogueira dá a dimensão dos investimentos para quem quiser fazer uma usina de produção de álcool de milho.

Um projeto com capacidade de moagem de 500 toneladas de milho por dia necessita de R\$ 20 milhões, se for uma usina “flex”. Um projeto independente necessitaria de R\$ 40 milhões. (M2)

Argentina pede investimentos da Petrobras

Para ministro Edison Lobão, há interesse em aumentar participação da estatal no país

SYLVIA COLOMBO
DE BUENOS AIRES

O ministro das Minas e Energia, Edison Lobão, disse ontem em Buenos Aires que a presidente Cristina Kirchner pediu um maior investimento da Petrobras na Argentina. Segundo Lobão, o interesse da Petrobras é recíproco, apesar de a estatal ter encalhado nos últimos tempos sua atuação no país vizinho.

“O setor de gás não convencional é alternativa para

incrementar sua ação no país, mas também o aumento da rede de postos”, diz Lobão.

A presidente argentina está em rota de colisão com a YPF, subsidiária da espanhola Repsol, a maior petrolífera do país, a quem o governo acusa de formação de cartel.

Lobão visitou Buenos Aires por conta do projeto de construção das hidrelétricas de Garabi e Panambi, no rio Uruguai, na fronteira do Brasil, no Rio Grande do Sul, e da Argentina, nas províncias

de Misiones e Corrientes.

As usinas serão controladas por uma empresa estatal criada pelos dois países e haverá alternância na utilização da energia produzida. Entre maio e julho, será voltada à Argentina, por conta do alto consumo de energia no inverno. O Brasil utilizará entre setembro e dezembro.

Apesar de seguir o modelo de Itaipu, empresa binacional de Brasil e Paraguai, Lobão disse que “alguns erros” deveriam ser evitados.

“Uma direção duplicada atrapalha, são muitos administradores, gera burocracia. É preciso aperfeiçoar isso, que não deu certo em Itaipu.”

As construções de Garabi e Panambi começarão em 20 meses e a ideia é que fiquem prontas até 2018.

O empreendimento será levado adiante pela Eletrobras e a argentina Ebisa. Lobão disse que o reservatório terá uma altura menor do que a pensada inicialmente, para evitar impacto ambiental.

COMBUSTÍVEIS

Gasolina será ajustada se houver justificativa, afirma Graça Foster

DE BRASÍLIA - A presidente da Petrobras, Graça Foster, disse ontem que o ajuste do preço da gasolina será feito se houver justificativa. A declaração foi dada a jornalistas durante o balanço do PAC2 (segunda etapa do Programa de Aceleração do Crescimento), em Brasília.

“Combustível é passível de ajuste para mais e para menos”, disse. Segundo Graça Foster, os investimentos da Petrobras são de longo prazo e, portanto, a política de preços também é de longo prazo.

A hipótese de que a Petrobras reajustaria o preço do combustível para se aproximar dos níveis internacionais ganhou força com o recente incremento do petróleo, cuja cotação superou a faixa de US\$ 120 por barril nesta semana.

Analistas estimam defasagem nos preços da gasolina no Brasil superior a 20% em relação ao exterior e creem que o momento seja favorável ao reajuste. O fato de não elevar o valor da gasolina é fator de pressão ao caixa da companhia.